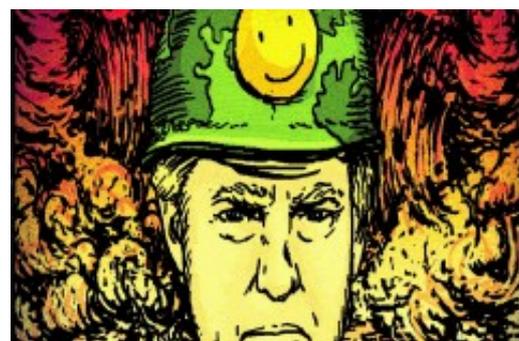


26/02/2018 - 05:00

A psique bélica de Trump e a paz mundial

Por **Bandy Lee e Jeffrey Sachs**

Quando Donald Trump assumiu o governo dos Estados Unidos, no ano passado, muitos analistas acreditaram que ele iria se acomodar em sua Presidência e voltar-se para a normalidade. Mas um grande número de especialistas americanos em saúde mental não compartilhava dessa opinião. Advertiram que Trump sofre, obviamente, de um distúrbio mental que se agravaria sob pressão, possivelmente levando-o a desfechar uma guerra, até mesmo uma guerra nuclear. E agora, com o agravamento dos perigos de uma guerra capitaneada por Trump com a Coreia do Norte ou com o Irã, o mundo precisa conter o presidente dos EUA antes que seja tarde demais.



Na opinião de muitos psicólogos e psiquiatras profissionais, Trump não é um simples valentão, um "showman" e um mentiroso; ele é, mais provavelmente, um indivíduo mentalmente perturbado que é impulsivo, agressivo e implacavelmente induzido a manipular e a culpar outras pessoas. Esses profissionais defenderam a realização de uma avaliação independente urgente da capacidade mental de Trump, que vai bem além do teste cognitivo simples a que ele se submeteu algumas semanas atrás, ao passar por exame físico no Walter Reed Army Medical Center.

Para alguns leigos, e obviamente para muitos americanos, sintomas de distúrbios mentais podem parecer pontos fortes. A falta de autocontrole pode ser equivocadamente interpretada como sinceridade. Agressão e tendência à manipulação podem ser confundidas com habilidades de negociação. Mas, para profissionais da saúde mental, essas características são sinais perigosos. Indivíduos que ostentam esse comportamento estão muitas vezes mascarando sentimentos intoleráveis de impotência, de incapacidade e uma necessidade incontrolável de aprovação que pode descambar em destrutividade violenta sob pressão.

Esta, claro, não é a primeira vez que um dirigente com graves distúrbios de personalidade chega ao poder. Mas líderes desse gênero muitas vezes alcançaram o posto em países menores, desprovidos das forças armadas mais poderosas do mundo. Mesmo assim, o histórico desses casos é sinistro: Idi Amin, Saddam Hussein, Pol Pot e muitos outros conseguiram instaurar o mais sanguinário caos.

Ao contrário desses dirigentes, Trump pode precipitar o mundo numa guerra nuclear devastadora sob seu comando pessoal. Nos últimos meses, ele ameaçou reiteradamente empregar esse poder. Trump acredita que por meio de ameaças, sanções e bravatas pode obrigar a Coreia do Norte a abrir mão de suas armas nucleares. De fato, se Trump encostar o regime da Coreia do Norte na parede, terá maior probabilidade de provocar uma guerra. Os

sul-coreanos entendem isso, mas estão sendo pressionados pelos EUA a assumir uma linha dura. O recente degelo das relações entre as Coreias do Norte e do Sul nas Olimpíadas é promissor, mas não representa o fim da história. Trump, mais provavelmente, voltará a provocar tensões em breve; não consegue deixar de fazer isso.

Não precisamos de uma nova guerra na Península Coreana ou no Oriente Médio. Precisamos de diplomacia. Trump pode ser psicologicamente incapaz disso, porque é predisposto ao ataque. As forças mundiais em prol da paz têm de resistir

O Irã é o segundo ponto crítico. Trump está cercado de linhas-duras em seu governo, que tentam travar um confronto com a república islâmica. O governo de Israel, dirigido pelo premiê Binyamin Netanyahu, está empurrando os EUA na mesma direção. Mais uma vez, Trump ou seus assessores podem acreditar que a bravata levará os iranianos a recuar de sua afirmação regional na Síria e no Líbano; mas isso é pouco provável, em parte porque o Irã pode contar com o apoio tácito da Rússia.

A obsessão de Trump pela vitória e sua incapacidade de aceitar o equilíbrio entre potências constituem uma ameaça terrível. Sua declaração pelo Twitter em janeiro de que ele tem "um gênio muito estável" é um sinal de fraqueza, não de força. Afirmações desse tipo são um alarme, não uma tranquilização.

Num momento em que a investigação do consultor especial Robert Mueller continua a elevar as pressões emocionais e políticas sobre Donald Trump, a tentação do presidente de recorrer à guerra vai aumentar drasticamente. O perigo é que as compulsões emocionais de Trump possam se tornar totais e absolutas, incapacitando-o de optar por qualquer outro rumo que não seja o da violência.

Os distúrbios de Trump normalmente envolvem grandes esforços dele e de outros para manter suas feridas internas ocultas. As pessoas que o rodeiam muitas vezes exibem bajulação excessiva ou satisfazem exigências excepcionais a fim de "contê-lo". Esse é o clima de que se tem notícia na Casa Branca, onde seus assessores, aparentemente, trabalham arduamente para manter os EUA a salvo de seu chefe.

Em vista dos sinais de alerta, o Congresso dos EUA deveria agir com urgência para coibir a capacidade unilateral de Trump de iniciar uma guerra, principalmente uma guerra nuclear. A Constituição é clara: de acordo com o Artigo I, Parágrafo 8, é o Congresso, e não o presidente, que tem o poder de declarar guerra. Os presidentes usurparam sistematicamente esse poder nas últimas décadas, e o Congresso, infelizmente, cedeu. Mas, com Trump no poder, é especialmente urgente - uma questão de sobrevivência - que o Congresso reafirme inequívoca e explicitamente sua autoridade constitucional.

Os aliados tradicionais dos EUA também deveriam estar prevenidos contra a possibilidade de seguir cegamente os EUA numa guerra. Atravessamos um período de grande perigo. Não precisamos de uma nova guerra na Península Coreana ou no Oriente Médio para estabelecer um equilíbrio entre potências, a estabilidade e o reconhecimento mútuo dos interesses de segurança de todas as partes. Precisamos é de diplomacia. Mas Trump pode ser psicologicamente incapaz disso, porque é predisposto ao ataque, e não à solução de compromisso. As forças mundiais em prol da paz têm de resistir. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Bandy X. Lee é professora supervisora de direito e psiquiatria da Faculdade de Medicina de Yale.

Jeffrey D. Sachs, professor da Universidade de Columbia, é diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável de Columbia e da Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Copyright: Project Syndicate, 2018.

www.project-syndicate.org